

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXII

Semanário regionalista

N.º 671

Composto e impresso na *Tipografia Figueirense*
Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário: *Redacção e Administração—Rua Major Neutel de Abreu*
Doutor Manuel Simões Barreiros Figueiró dos Vinhos

Contas Públicas

Acaba de ser publicado o relatório das contas públicas de 1945.

Nota-se que o movimento financeiro do Estado continua amplamente favorável, dentro duma continuidade orçamental que vem já do ano longínquo de 1928. Atravessaram-se anos cataclísmicos, anos catastróficos para a Humanidade, com o Mundo ardendo na pior e mais calamitosa das guerras.

Não combatemos, é certo, mas, conforme Salazar um dia acentuou, estivemos na guerra, como os outros, e houve que sofrer lhas dolorosas consequências, há que sofrê-las ainda hoje e até não sabemos quando. No entanto, o equilíbrio das nossas finanças públicas manteve-se e as obras de fomento, se bem que afrouxassem no seu ritmo, continuaram sempre.

Não havia, pois, razões para que, finda a guerra, os resultados fossem diferentes ou de qualquer modo se perdessem as vantagens obtidas em longos anos de firme estrutura financeira. No futuro será também assim, segundo se depreende das palavras finais do relatório, ao esboçarem «o caminho a seguir pela administração das finanças do Estado; manter-se firme nos princípios que em boa hora e com visão magistral lhe foram traçados por quem, através de'les, assegurou o restabelecimento dos conceitos e valores fundamentais da Nação».

Três preocupações fundamentais dominaram a actividade governativa, como o relatório amplamente salienta: o fomento, a assistência e a educação, reparadas pelos Ministérios das Obras Públicas e Comunicações, do Interior e da Educação Nacional, e isto sem que nenhum dos outros sectores fosse descuidado.

Empenhou-se o Ministério das Obras Públicas e Comunicações nas seguintes tarefas onde foram consumidas muitas dezenas de milhar de contos:

- a) — Hidráulica Agrícola e Aproveitamentos Hidroeléctricos — 111.600 contos.
- b) — Postos, Estradas, Melhoramentos Rurais, Aeródromos, Material e trabalhos inerentes ao desenvolvimento da Aviação Commercial — 71.600 contos.
- c) — Repovoamento florestal, etc.

As despesas ordinárias deste Ministério ascendem a 366.000

contos, 310.000 dos quais da receita extraordinária..

O Ministério do Interior destinou uma das suas maiores verbas aos serviços de Assistência e de Saúde distribuindo-a por:

a) — Hospitais Escolares de Lisboa, Porto e Coimbra, reparação e ampliação de muitos outros, incluindo o respectivo apetrechamento sanitário e cirúrgico.

b) — A leprosaria, serviços de higienização em muitas cidades e vilas e abastecimento de águas às sedes de concelho, etc.

As despesas ordinárias do Ministério da Educação Nacional andaram à volta de 228.000 contos distribuídos por obras de interesse cultural e social tais como:

- a) — Escolas Primárias do plano dos Centenários.
- b) — Liceus.
- c) — Escolas técnicas.
- d) — Cidade Universitária de Coimbra.
- e) — Instituto Nacional de Educação Física.
- f) — Estádio Nacional, etc.

Como se vê, o principal das nossas despesas não se refere à simples administração, mas a um trabalho de enriquecimento que perdura em benefício colectivo. Muitos destes empreendimentos, embora em franca execução, eñ contram-se ainda longe, do seu termo, enquanto outros são iniciados com decisão e energia, pelo que o esforço financeiro não pode afrouxar.

Através dos números frios dum orçamento e das palavras desataviadas dum relatório de contas, nota-se a vitalidade dum País que se transforma, se desenvolve, se actualiza e progride a ponto de enfileirar na vanguarda dos povos civilizados, não já como um apêndice que outros empurram ou arrastam na sua órbita, mas como um exemplo de autovalorização prestes a converter-se em escola para um Mundo agónico e desvaireado pela incerteza, pela descrença e pelo mais violento pessimismo colectivo que a História regista.

F. de Assis

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Cinema do S. N. I. em Campelo

A exemplo dos anos anteriores e satisfazendo o pedido da Casa do Povo de Figueiró dos Vinhos, com apoio directo da Câmara Municipal do Concelho, mais uma vez fomos visitados pelo Cinema Ambulante do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular.

Porém, desta vez apenas visitou Campelo, uma das freguesias componentes do nosso concelho, onde submetido à sede daquele Organismo Corporativo funciona, há já bastante tempo, um bom posto médico dotado de medicamentos e material sanitário indispensáveis aos primeiros pensos.

Campelo «Fénicia desta Sintra do Norte» que, em face da sua escassez de produção agrícola, obriga à irradiação do seu povo, foi a freguesia que de início melhor soube compreender a Obra de Salazar.

Dali saíram pessoas que não só honram esta vila como a souberam elevar e desenvolver a uma categoria alta, sendo também certo que foi o be-go de alguém que na cidade da Ciência bem patente já tem a sua posição como foi o ninho daqueles que na Capital já se erguem.

Por isso é que o acaso ou até escolha, indicou que lhes fosse mostrada uma lição com bom exemplo: «O da Puericultura e o da Creança por meio do filme extraordinário Fátima Terra de Fé».

Acorreram à sessão centenas de pessoas, algumas de lugares bem distantes, não só para corresponderem ao gesto educativo do nosso Governo, como também para satisfazerem o seu espírito, tendo em todas elas ficado uma boa recordação e exemplo com lições de tão grande alcance.

Foi-me agradável registar a hospitalidade como tudo foi recebido e a maneira ordeira como todos se souberam comportar e conduzir.

Antes de iniciada a sessão usou da palavra em nome da Casa do Povo o brioso estudante Universitário Renato Luiz de Carvalho que em termos cheios de patriotismo franco, claro e sincero lhes vincou a obra do Estado Novo através das Casas do Povo e Secretariado Nacional de Informação.

Assim não só felicito o Director do S. N. I., como também faço votos muito sinceros para que a sua obra continue a ser coroada do maior êxito.

Nalsim

Artur Martinho Simões

Encontra-se em Trespastos acompanhado de sua ex^{ma} Esposa D. Carolina Simões a passar as suas bem merecidas férias, o sr. Artur Martinho Simões chefe da Repartição da Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

Cantinas Escolares

A obra das cantinas escolares e amparo aos que menos tem. Ao que cada vez mais se vai difundindo pelo país, é das mais úteis e das que mais merecem o carinho de quantos se interessam pelo futuro de Portugal.

A cantina escolar mantida nos liceus, postos e estabelecimentos de ensino primário, existe, actualmente, graças ao auxílio considerável que o Estado lhe presta. Destinase ela, de uma maneira geral, a fornecer alimentação aos alunos pobres, proporcionando-lhes assim um conforto que muitas vezes o lar lhes não proporciona.

A sua acção cada vez se vai dilatando mais e cada vez necessita mais de auxílio exterior. Não incumbe apenas ao Estado o papel principal nesta obra de assistência

particular cabe um grande papel nesta obra e crentes estamos que muito e muito há a esperar da sua iniciativa.

Muitos dos que dispõem de recursos financeiros e que muitas vezes os desbaratam, bem podem contribuir para esta obra que honrando-os honra também Portugal pelo muito que pode contribuir para o seu progresso.

E' na juventude estudantil que deverão residir as nossas esperanças de futuro. E' para ela que se deverão voltar todos os nossos cuidados porque dela depende, em grande parte, o nosso desenvolvimento interno. Portanto, tudo quanto se faça em seu benefício, sempre pouco é para o muito que dela se pretende exigir.

Dr.ª D. Maria Alice Simões

Concluiu com elevada classificação a sua formatura em Letras na faculdade de Lisboa a sr.ª dr.ª D. Maria Alice Simões filha do nosso saudoso amigo, dr. Martinho Simões, que foi secretário geral e Director da Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

A illustre doutora apresenta «A Regeneração» sinceros parabens e votos para que continue a triunfar na vida prática como soube triunfar na vida académica.

A primeira Conferência da União Nacional

Agora que estão reorganizados em todo o País os quadros da União Nacional—reorganizados uns, porque se completaram; outros, porque gente nova os preenche—anuncia-se para dentro em algum tempo a realização da primeira Conferência desse organismo político, a qual vai ser, como se espera, grande jornada de solidariedade e de acção nacionalistas. Grande jornada de solidariedade nacionalista, porque todos os seus numerosos componentes, desde os dirigentes aos simples filiados, todos vão patentear que estão unidos com o Estado Novo, e os seus Chefes—para continuação da Revolução Nacional. Grande jornada de acção nacionalista, porque não lhe faltam os valiosos estudos dessa acção, os quais não-de confirmar a doutrina do Estado Novo, e porventura dar-lhe mais raízes nas almas, pela convicção da sua verdade, provada esta com tantos e tão grandes êxitos da política nacional do Estado Novo.

A obra das cantinas escolares é o complemento natural da educação literária e moral que queremos dar aos rapazes portugueses. Incitando os que podem em benefícios daqueles que precisam, cumprimos um dever de solidariedade tão grato ao nosso coração de portugueses.

Há que ampliar as cantinas existentes. Há que aumentar o seu número por forma a que por todos os cantos deste país se encontre o elemento necessário à juventude pobre.

Para esta campanha, conta o governo português com a generosidade dos seus filhos. Conta e confia em que a terá porque se trata de executar uma obra eminentemente nacional.

V. Soares

Artur Simões Cascas

O nosso amigo e conterrâneo Artur Simões Cascas foi nomeado Vice-Consul de Portugal em Roterdão—Holanda.

Teatro do Povo

Dará dois espectáculos nos próximos dias 17 e 18 do corrente nesta vila, o Teatro do Povo do Secretariado Nacional de Informação.

Misericórdia de Figueiró dos Vinhos

Está a Mesa e o seu Director Clinico de parabens, visto que lhes acaba de ser comunicado pelo fornecedor que já se encontra em Lisboa à disposição daquela casa de beneficência a máquina de fazer gelo. Com esta aquisição se devem sentir todos os Figueirensees também muito satisfeitos.

O Plano

de Electrificação Geral

O plano de electrificação geral do país, aprovado há dois anos pela Assembleia Nacional, está em plena execução. Feitos os estudos dos aproveitamentos hidro-eléctricos do rio Zêzere e do sistema Cavado-Rabagão, o Governo lançou no mercado financeiro dois terços das acções para a constituição das respectivas empresas de exploração.

Atente-se antes de mais nada no seguinte:

1.º — O Governo do Estado Novo dispõe de reservas suficientes para as investir em empreendimentos industriais de grande envergadura como seja e da electrificação geral do País que exige da sua parte algumas centenas de milhares de contos;

2.º — O Governo de Salazar dispõe por assim dizer dum crédito interno ilimitado, pois as ofertas de capitais particulares foram muito superiores às ofertas de acções;

3.º — Do desafogo financeiro do Estado não resultou como alguns maliciosamente insinuaram, o empobrecimento da Nação, pois a economia particular dispõe em depósitos bancários mais de 30 milhares de contos.

As obras de aproveitamento hidro eléctrico do Zêzere e do Cavado-Rabagão, sendo importantes, não são ainda as maiores do plano geral. As do Douro, na

fronteira luso espanhola, ultrapassam as demais. Trata-se pois do começo duma obra cuja execução se calcula levará dez anos. E uma vez realizadas essas obras teremos força-motriz suficiente para todas as nossas necessidades, incluindo a electrificação das linhas férreas. E' objectivo superior não só a suficiência como ainda a barateza da força-motriz e da iluminação domiciliar que se deve estender a todo o País.

No acto da posse da comissão de fiscalização das obras em curso o Ministro da Economia afirmou o seguinte:—*A vida económica do País exige que se continue o estudo de outros rios no sentido de se obterem maiores quantidades de energia a distribuir por baixo preço.*

Ter energia suficiente e barata eis uma condição indispensável para o nosso desenvolvimento industrial. Nunca conseguiríamos atingir tal fim com a hulha negra de que dispomos apenas de escassas reservas e de inferior qualidade. A importação de hulha negra leva-nos ano por ano uma boa parte do nosso ouro. E' urgente estancar esta sangria.

E' absolutamente inútil falar de desenvolvimento industrial sem resolver a questão prévia da força-motriz suficiente e barata. Resolvido este problema possuímos as demais condições para criarmos uma indústria que ocupe muitos mais braços a melhores salários e habilitada pelo menos a abastecer de máquinas e outros utensílios o mercado nacional.

Há três quartos de século que todas as nações da Europa vêm aproveitando a energia dos seus rios. Entre nós o Estado nunca se interessou por isso. Deixávamos correr para o mar uma riqueza enorme. Perdemos um século em lutas fratricidas da política. Chegou a hora do nosso ressurgimento. E em verdade tem-se feito mais nestes últimos dezoito annos pelo bem público do que em todo o período de liberalismo.

J. C.

Casamentos

Consoçaram-se no dia 3 do corrente na Igreja Matriz desta vila a Menina Maria Irene Nunes Ideias, filha do sr. Baptista dos Santos Ideias e da sr.ª D. Elvira Nunes Ideias, com o sr. António Barreto, empregado da firma Antero A. Simões Seguro & C.ª, Lda, filho da sr.ª D. Hortence Barreto e do sr. António Barreto, já falecido.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva a sr.ª D. Irene Godinho Ferreira e o sr. Anselmo Alves Tomaz Agria e pela do noivo o sr. António Abreu e sua esposa D. Maria de Abreu.

Em casa dos pais da noiva foi servido um lauto jantar a muitos convivas, tendo alguns deles dirigido brindes aos noivos.

Aos nubentes desejamos um futuro muito próspero e felicidades de que são merecedores.

Na igreja de Santa Cruz de Coimbra celebraram o seu enlace matrimonial, no mês findo a menina Alda Cascas do lugar e freguesia de Campêlo e o sr. Joaquim Pereira da freguesia de Tróuximil, Coimbra.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, Francisco Simões da Cunha e Augusta de Jesus Soares da freguesia Trouximil e por parte do noivo, António Pereira Claro e Edemia de Jesus, do lugar de Campêlo.

Foi presbítero assistente o Reverendo Padre Manuel Gonçalves.

Em seguida ao acto foi servido um fino copo água, seguindo depois os noivos para Campêlo.

Desejamos lhes um futuro repleto de felicidades.

CARTEIRA NOTAS

Bibliográficas

Vindas da Figueira da Foz encontram-se já nesta vila as seguintes famílias:

—Do sr. José Simões Barreiros Júnior, do sr. António Ferreira, do sr. Emídio Cãova e do sr. Artur Coelho conceituados comerciantes na nossa praça.

—Da praia da Nazaré também regressou a família do sr. Joaquim Estevão Rodrigues.

—Das Pedras Salgadas regressou a esta vila o sr. Higino Gonçalves Mesquita que veio acompanhado de seu irmão o sr. Júlio Gonçalves Mesquita e mais família.

—A Tomar regressou o sr. Júlio Gonçalves de Mesquita importante industrial naquela praça que foi acompanhado de sua esposa e filhas.

—Em casa de seus pais, nesta vila, encontra-se o sr. Engenheiro Artur Nunes Agria.

—Para as termas do Gerez partiu no princípio desta semana, acompanhado de sua esposa o sr. Gustavo Coelho Godet.

—Vindo de Ouguela—Campo Maior—encontra-se de visita a sua família acompanhado de sua esposa, o sr. António da Conceição Quaresma, 1.º cabo da Guarda Fiscal naquela localidade.

—Vinda de Lourenço Marques, encontra-se nesta vila, de visita a sua família, a sr.ª D. Deolinda Reis esposa do sr. José David dos Reis, importante comerciante naquela cidade, que vem acompanhada das suas duas filhas.

João Simões Rodrigues

Depois de passados alguns dias de licença com sua família e ter estado na praia da Nazaré regressou na passada semana a Castro Daire aquele nosso amigo que há cerca de um ano vem exercendo naquela vila o cargo de aspirante de finanças.

A secção de crítica literária não gostam da essência doutrinária ou da exposição, outras agora: conta alguns anos de existência, tendo, contudo, habitado, até hoje, outra moradia.

Entretanto, assim como cada um de nós vai procurando residir em casas possuidoras de condições de salubridade cada vez maiores, também esta secção resolveu instalar-se em edifício com mais ar e mais luz, onde as poeiras do maior movimento da rua, são contidas pelo tule resistente da boa educação, que, infelizmente falta a tantas pessoas.

A crítica ás obras de que nos sejam enviados dois exemplares continuará a ser feita dentro dos moldes habituais de *Notas Bibliográficas*. Vem, a talho de foice, dizer algumas palavras acerca do que consideramos *criticar um livro* quer em função da obra em si mesma quer em função do seu autor.

E' sabido que a interpretação de qualquer trabalho literário ou não literário, afinal está intimamente relacionada com a cultura de quem lê. A mesma obra é diversamente apreciada por pessoas diferentes, umas porque gostam ou

Definições, por Manuel Anaya—Edição do Autor—Ivalade—SADO.

Pela vez primeira nos visita este Autor, fazendo-o com um livro de poesias. Em nosso entender não foi muito feliz, porquanto a expressão literária é bastante pobre, embora tenha imagens apreciáveis. A sua poesia *Mãe* é boa, mas não constitue regra geral. Com frequência o Autor incorre na seguinte cacafonia, um tanto desagradável:

A Fome...! que há levado.
Este que há é pouco poético.
Já agora, e para fechar, sempre quero dizer ao Autor que já li algures prosa sua e que achei muito aproveitável.

Porque não tenta este género literário? Gratos pelas palavras da dedicatória.

* * *

O último Amor de Luis XV, por Alice de Oliveira—Edição da Parceria A. Pereira—R. Augusta, 44 a 54—Lisboa.

A illustre escritora, Alice de Oliveira, que através dos seus numerosos trabalhos tem afirmado o seu alto valor, acaba de enriquecer o património literário de Portugal com mais uma obra digna do maior apreço, quer pelo assunto que versa, quer pelo estilo em que o expõe,

não gostam da essência doutrinária ou da exposição, outras porque lhes agrada ou não agrada o autor. Seja, porém, como for, a verdade é que aparecem bons trabalhos e maus trabalhos. Dos primeiros toda a gente fala e deles diz bem; dos segundos, se adregam de ser lidos, diz-se mal em todos os sentidos e duma forma pouco cortés. E' aqui que começa o nosso desacordo. Dizer bem do que é mau? Isso por amor de Deus, não pode ser. Mas o que pode ser, é chamar delicadamente a atenção para os erros-erros segundo a nossa maneira de ver, está visto—sem achincalhar a obra e, por indução, o seu autor. Há sempre uma forma de dizer as coisas sem magoar grandemente, não devendo confundir-se, no entanto, essa gentileza com lisagem. Aquela eleva quem a usa; esta deprime quem dela se serve.

Posto isto, resta-nos colocar estas colunas à disposição dos Autores e Editores e lembrá-los de que a nossa amizade e desvaliosos préstimos estarão sempre a seu lado, para os usarem até onde comumente seja possível.

Marcus

Num volume de perto de duzentas páginas de grande formato, Alice de Oliveira falamos da Corte francesa no tempo dos famosos Luizes que antecederam a revolução. As suas descrições, respeitando a verdade acima de tudo, são empolgantes, tanto no que respeitam à vida palaciana da época, como no que se referem às condições do povo de então.

O facto histórico, apresentado desta maneira não custa a estudar e não esquece facilmente. Mas, não se infira destas palavras, que a distinta autora nos quis dar uma obra de estudo propriamente dita. Não, o seu livro é um romance extraído dum dos mais belos e mais trágicos episódios da História da França, em que o Amor torna célebres estranhas personagens, que parece terem sido fadadas para mostrarem ao Mundo que a própria Morte, perante tão elevado sentimento, nada é. A discutida Condessa du Barry, tem neste livro a sua consagração como amante e mártir, vítima dos esplendores de que viveu rodeada, enquanto milhões de seres lutam com a fome e com toda a espécie de privações.

E' uma bellissima obra que recomendamos.

Marcus

Alma Perdida

*Toda esta noite o rouxinol chorou,
Gemeu, rezou, gritou perdidamente!
Alma de rouxinol, alma de gente,
Tu és, talvez, alguém que se finou!*

*Tu és, talvez, um sonho que passou,
Que se fundiu na Dor, suavemente...!
Talvez sejas a alma, alma doente
De alguém que quis amar e nunca amou!*

*Toda a noite choraste... e eu chorei
Talvez porque, ao ouvir te, adivinhei
Que ninguém é mais triste do que nós!*

*Contaste tanta coisa à noite calma,
Que eu pensei que tu eras a minh'alma
Que chorasse perdida em tua voz!*

(Florabela Espanca—Livro de Mágicas—, de Líricas Portuguesas)

VILA FACAIÁ

Marca o seu propósito

— Centro dum importante e feracíssimo rincão, — Vila Facaia vive num permanente e justificado anseio de melhoria de situação, antevendo avidamente o dia em que, na plena posse dum determinado número de melhoramentos — que são básicos para o seu progresso e bem estar — possa acompanhar condignamente a marcha progressiva das outras terras, ao sopro vivificante do Estado Novo.

A nossa freguesia, por intermédio dos seus valores mais representativos, não deixará, num só instante, de pugnar, com método e persistência, pela concessão dum certo número de regalias, sem as quais não é possível avançarmos um passo no caminho do progresso e constituirmos portanto, um átomo de valorização no seio da colectividade.

E' indiscutível que o cume da perfectibilidade e do absoluto bem-estar — é inatingível; mas isso não deve constituir argumento para nos quedarmos extáticos, aguardando passivamente a resolução dos problemas que urge pôr em equação, sem perda de tempo e com o calor e alento próprios, — antes pelo contrário aquele argumento afóristico deve servir de incentivo a nós todos, os que sabemos o que queremos e para onde caminhamos, — afirm de não descurarmos as nossas justas pretensões, — mas dentro dum verdadeiro espirito de equidade, das boas normas de justiça, respeitando as hierarquias, e adaptando no tanto quanto possível à orientação das autoridades locais que são os legítimos representantes do povo, da grei que necessário se torna soerguer da vida apagada e penosa que vem arrastando, quantas vezes sem um queixume, sem um vislumbre de rebeldia ou de mau humor, confiando na justiça que embora tardiamente é sempre bem recebida e acalentada com o calor e a alegria que dela própria mente almana.

Ponhamos, pois, de parte todos os derrotismos que envilecem, toda a descrença que enfraquece, confiemos na justiça que nos assiste e compenetremo nos que é preciso trabalhar com energia e denodo, com fé, com persistência e dentro sempre dum plano preestabelecido, e nunca a esmo porque só assim, irmanados no mesmo desejo, no mesmo anseio, conseguiremos, a nosso tempo, os Melhoramentos que todos nós ambicionamos.

Notano

Um Alvitre

Vila Facaia é a mais pequena das freguesias do concelho de Pedrógão Grande.

O seu comércio aumenta, a sua vida agrícola desenvolve-se e até sob o ponto de vista religioso se notam bastantes progressos.

Os melhoramentos aqui realizados há dez anos a esta parte, fundamentam a esperança de que outros, em projecto virão a realizar-se em futuro próximo.

Entre estes ocupa lugar proeminente a igreja paroquial.

Nas nossas freguesias rurais a igreja é o edificio que mais atrai as atenções de toda a gente.

Das linhas simples ou de belo recorte artístico, para ela convergem milhares de almas irmanadas pela crença, ligados pela mesma fé. Nem mesmo os descentes conseguem subtrair-se à sua benéfica influência. Gratas recordações a ela nos prendem, pois todos com relativamente poucas excepções, ali fomos baptizados, fizemos a nossa primeira comunhão ou celebramos o nosso casamento.

Nos coruchéus das suas torres encimando a cruz, símbolo duma fé duas vezes milenária, a igreja tem sido através os séculos a mão carinhosa sob cujo manto têm vindo e vêm ainda hoje acolher-se condignamente todos os povos.

Se quiséssemos falar do passado, quanto não deve à igreja a humanidade e a civilização de cujos frutos felizmente ainda auferimos!

Eis porque a igreja é credora do carinho de todos e da amizade de todas as nações da terra.

Embora a Comissão do Culto desta freguesia tenha procedido a algumas reparações urgentes na igreja paroquial, como a renovação do soalho, levantamento do corc, etc., merecendo o louvor e a gratidão dos paroquianos, parece-nos que isto não basta.

Durante os trezentos e tantos

(Continua no verso)

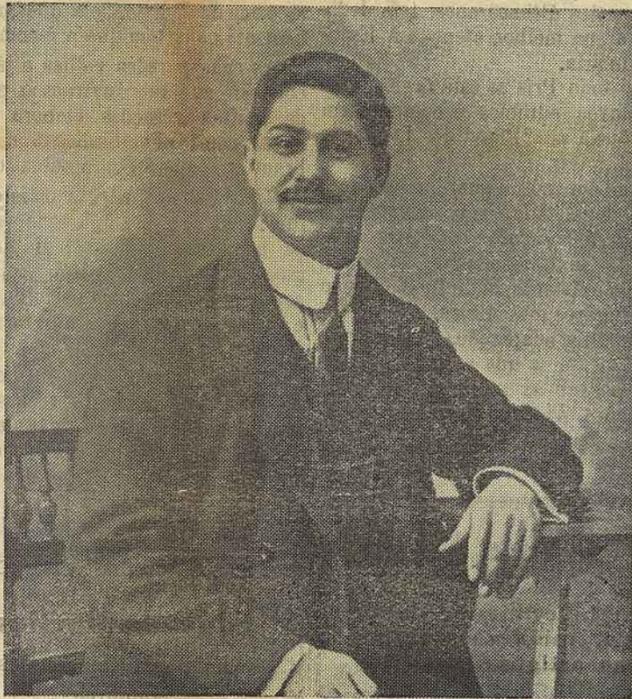


Um dos Fontenários de Vila Facaia

O U V I N D O

o sr. Presidente da Junta de Freguesia

de VILA FACAIÁ



José Nunes Marques — grande benemérito de Vila Facaia

Foi por uma destas tardes quentes de verão em que apenas uma brisa ligeira soprava do norte fazendo estremecer a ramagem verde-negra dos pinheiros, que nós fomos de longada até à povoação de V., afim de ouvirmos o sr. presidente da Junta de Freguesia.

Em 30 minutos calculáramos os escassos 2 quilómetros que distam da sede da freguesia àquela localidade.

A estrada municipal recentemente construída está em bom estado de conservação, e nós, pelo caminho, fomos pensando que havendo «vontade de querer» — tudo é realizável e possível.

E assim aquela estrada que vínhamos pisando e fôra a aspiração máxima, o sonho duma freguesia durante 50 anos, — foi obra do Estado Novo e duma J. de F. que soube, integrada no puro regionalismo incarnar os verdadeiros princípios Salazaristas.

Chegámos suados, pela longa subida e pelo calor que não abraçava.

O sr. presidente da J. de F. recebeu-nos de braços abertos e convidou-nos a sentar. Em seguida mimoseou-nos com um refresco da sua «garrafeira», a que não pudemos oferecer recusa, — e a nossa conversa iniciada mui naturalmente foi tomando a feição de entrevista.

— Há muito tempo que vem pre-

sidindo à J. de Freguesia, — perguntámos?

— Sim — responde-nos o nosso amigo sr. L. da C. — Há 12 anos que vimos, conforme melhor podemos e sabemos, gerindo administrativamente esta freguesia.

— Podia-nos, embora mui sucintamente enunciar a sua acção na gerência administrativa desta freguesia?

— Porque não? — Ai por 1934 fomos convidados para presidir à Comissão Administrativa da J. de F., tendo como vogais o nosso saudoso amigo António Coelho Júnior, já falecido, e o sr. Manuel Dias das Neves.

A J. de F., nesse tempo, vivia sem fundos, sem orçamento, — adstrita à «Confraria», da qual dependia financeiramente, e de comum acôrdo. Como isso não estava dentro de moldes legais, nós pusemos a J. de F. independente, com vida própria: administrativa e financeira e de harmonia com o estatuido no Código Administrativo.

Pelo tesoureiro da «Confraria» foram-nos entregues 200\$00 — como saldo da J. de F.

Não havia escrituração propriamente dita. Livros — apenas existia o das actas.

Era preciso, pois, «criar» a J. de F. e dar-lhe vida própria dentro das suas limitadas atribuições.

Foi o que fizemos suave e paulatinamente, procurando arredar atritos e chamando a atenção das instâncias superiores para a penúria em que se debatia a freguesia: sem estradas, sem fontes higiénicas, sem ligação com os concelhos limítrofes, sem escolas com condições pedagógicas, enfim vivendo uma vida apagada, pobremente, completamente à margem de progresso.

Era preciso fazer «tudo», porque «tudo» estava por fazer!

E para isso era preciso e imprescindível muita energia, muita força de vontade, persistência e coordenação de esforços, a par da continuidade administrativa, indispensável para uma boa sequência de trabalhos.

Foi, pois, neste sentido que orientámos a nossa modesta acção.

— Pode-nos informar dalgumas obras levadas a efeito pela J. de F. sem e com o concurso da Câmara Municipal?

— Sim, quer durante a gerência da C. Administrativa, quer nos anos subsequentes em que fomos sucessivamente reeleitos, e em que tivemos como colaboradores directos alguns dos homens bons da freguesia, como o sr.s Valentin C. da Fonseca, António Coelho e José Lopes Barreto, e muitos outros que nos deram um apoio leal e desinteressado, — algumas obras se fizeram de interesse vital para a freguesia, dentre as quais avultam as que foram comparticipadas pelo Governo.

Assim, por ordem cronológica, citamos as seguintes: — *Reparação e alargamento* dalgumas estradas;

Construção dum *pontão* em carvalho, em Vila Facaia; *alargamento do adro*, pela demolição do cemitério antigo;

Construção duma *Casa para sede privativa da J. de F.*, e onde funciona um *Posto médico*; *alargamento* da estrada de Vila Facaia aos Moleiros e de Vila Facaia às Barrocas; *construção* da calçada do S. Longuinho e do Calvário ao Cemitério; *grandes reparações no edificio da Escola masculina*; *instalação da ligação telefónica* e *montagem duma cabine pública* em Vila Facaia; *construção* das E. M. de



António Lopes da Costa
Presidente da Junta de Freguesia

Vila Facaia à Lameira e de Vila Facaia à Barraca da Boa Vista, na extensão de 6 k.m., com inclusão dum pontão de razoáveis proporções — obras comparticipadas pelo Governo e de alta importância para a freguesia.

Durante a vigência da nossa humilde gerência tivemos sempre o apoio da ex.^{ma} Câmara Municipal, tendo colaborado estreitamente com os ex.^{mos} Presidentes da Câmara Municipal que por ela têm transitado: sr.s, drs. A. M. Farinha, A. Cruz David e sr. J. Pires Coelho David, a quem devemos muito incentivo e auxilio material, e obras como o *calçetamento* da rua principal da Lameira Cimeira, e como *melhoramento* de vulto a exploração e canalização de águas para Moleiros, Vila Facaia e Pé da Lomba, e *construção* de 5 chafarises, — obra esta também, como aquela, comparticipada pelo Governo do Estado Novo e que fica a atestar aos vindouros que o Estado

(Conclui no verso)

Novos

Edifícios Escolares

É uma verdade incontroversa que o coeficiente vital dum povo se avalia pela sua cultura.

E correlativamente—é pela grande instrução duma nacionalidade que se aquilata da sua prosperidade.

E todo o país que não se compenetra destas grandes verdades, não pode acompanhar a marcha progressiva das nações, que, numa visão clara, concentram na instrução do

Novo vai estendendo os seus benefícios a todos os recantos do país, no desejo justificado e digno de registo, de elevar o nível de vida dos nossos tam esquecidos meios rurais.

Como vê, meu amigo, a obra da nossa J. de F. é pequena, de modestas proporções, posta em confronto com o lapso de tempo em que a realizámos, mas não nos repugna frisarmos que é grande, mesmo muito superior às possibilidades orçamentais duma J. de F. que iniciou a sua vida administrativa... sem quaisquer «fundos».

É inegável que a obra que vem sendo feita pela J. de F. sob os múltiplos aspectos da vida paroquial — tem beneficiado grandemente a freguesia.

E para terminar, pois já me vou tornando maçador, mais uma pergunta: — Quis as obras, de mais instantane necessidade, pretende a J. de F. da sua mui digna presidência levar, agorá, a cabo?

A *travessia de Vila Facaia*, — alargamento e calcetamento da rua direita, — que se encontra num caos, — constitue a aspiração máxima e imediata desta Junta, — pois que já mandámos elaborar 3 «estudos»; e agora, que o último projecto já seguiu há um ano devidamente aprovado e informado pela Repartição de Urbanização do Centro — para as instâncias superiores, aguardamos com a mais viva ansiedade que seja incluído no plano das obras do Governo e suficientemente comparticipada.

Nos anos subsequentes pretendemos construir a E. vicinal de Vila Facaia — Campelos — Mosteiro e de V. da Reixa — aos Pobrais, obras, cujos projectos, custeados pelos povos directamente interessados, seguiram já, por intermédio da ex.ma C. M. para as Repartições competentes.

Contamos também com o apoio material da ex.ma Câmara Municipal para a construção de *fontenários* higiênicos, nas povoações de Várzeas, Aldeia das Freiras, Lameiras e Pinheiro.

Desejamos ainda alargar e reparar condignamente o *Cemitério* desta freguesia, e a respectiva Capela, e para cuja obra contamos com o auxílio financeiro do grande benemérito sr. José Nunes Marques, natural desta freguesia, a quem devemos, entre outros serviços, o projecto da E. vicinal de Vila Facaia à Alagoa e a sua efectivação, — melhoramento de grande importância, que fica a atestar o bairrismo e o amor à sua terra — do nosso ilustre conterrâneo, a quem não podemos deixar de aqui lhe apresentar as nossas homenagens e os nossos agradecimentos em nosso nome pessoal e em nome da freguesia.

Em conclusão — a caminhada é longa e, como acaba de constatar, *muíto* se há feito, mas *muíto* ainda há para fazer.

Por isso... mãos à obra.
— Estava terminada a nossa en-

povo todas as suas atenções, todo o seu carinho, reservando-lhe no orçamento do Estado as verbas necessárias.

Bem haja, pois, o nosso Governo que, nestes últimos anos, tem dedicado a sua melhor atenção à Escola Primária.

Por todo Prís se estão construindo novos edifícios escolares, em obediência no «Plano dos Dentários».

Também nós aguardamos, que, nesta localidade, seja construído um *edifício escolar com 2 salas* — para o sexo masculino, — pois o edifício existente, onde funcionavam os 2 lugares masculinos, e resultante uma tósca adaptação, — é impróprio para o fim a que se destina, pois *não possui as mais elementares condições higiénicas e pedagógicas.*

Manuel Dias das Neves

Estabelecimento de mercearia, miudezas, vinhos e outros artigos.

Vila Facaia — Lameira Cimeira

trevista.—O sol descaía, de mauzo no horizonte, espalhando pelo poente uma poalha doirada. E nós admirávamos, agora, o vasto panorama a perder de vista, que daqui, deste monte altaneiro, se descortina, — embevecido naquele cair da tarde sonolento, monótono, que contrastava singularmente com a linguagem clara, enérgica e expressiva do nosso entrevistado.

Mapa elucidativo da actividade da Junta de Freguesia de Vila Facaia

Anos	Receita	Despesa
1934	Nada	Nada
1935	519\$00	352\$50
1936	1.725\$55	1.563\$40
1937	3.228\$15	3.211\$15
1938	5.217\$50	4.930\$10
1939	4.957\$40	4.864\$25
1940	23.926\$50	18.024\$55
1941	42.758\$35	42.562\$30
1942	30.769\$55	29.062\$75
1943	56.996\$60	56.996\$30
1944	28.621\$70	28.467\$00
1945	23.235\$60	20.538\$00

Albano Nunes Marques

Com Estabelecimento especializado em fazendas brancas, lanifícios, louças, miudezas, mercearias, outros artigos e adubos

— Agente da Fábrica da Pólvora Vale de Milhaço —

VILA FACAIA

UM ALVITRE

(Conclusão)

anos da sua existência tem ela sofrido várias modificações e acrescentamentos, chegando aos nossos dias o templo acanhado sem ar e sem luz que todos conhecemos. E digo acanhado porque na maior parte dos domingos do ano não comporta a aglomeração dos fiéis e ainda porque sem pé-direito suficiente se torna desilegante, ela que artisticamente nada tem que a recomende.

As suas paredes velhas e já carcomidas, as quais ouviram as preces de muitas gerações, embora veneráveis como os velhinhos de cabelos brancos, pedem agora substituição.

Vila Facaia merece mais e melhor: uma igreja ampla que satisfaça as necessidades actuais da freguesia, cheia de luz, bem arejada... sentir-nos-amos mais perto de Deus e as nossas orações teriam outro fervor!

Creemos que a freguesia unida e aproveitando todos os recursos ao seu alcance, poderia levar a bom termo tão simpático como necessário melhoramento. Aqui fica o alvitre.

P. A.

Eduardo Martins

Alfaiataria de homens e senhoras
VILA FACAIA

Eduardo Dias Rosa

Barbearia
VILA FACAIA

Manuel Nunes de Carvalho

Estabelecimento de solas, cabedais e todos artigos de Sapataria e tamancaria

Vila Facaia

Albino Lopes Alves

COM Oficina de sapataria
Vila Facaia

António Nunes

PADARIA
VILA FACAIA

Raúl Mendes Coelho

Tabacos, vinhos e miudezas
Vila Facaia

Barraca da Boa Vista

JOSÉ HENRIQUES

Mercearia, miudezas, vinhos e outros artigos
VILA FACAIA

Joaquim Francisco de Carvalho

Louças, vidros, miudezas, sal, vinhos e outros artigos
VILA FACAIA

MANUEL HENRIQUES

Estabelecimento de fazendas brancas, mercearia, solas, cabedais, adubos, sal, vinho e outros artigos.

Camionete de aluguer e exploração de pinhal
VILA FACAIA

ANTÓNIO TAVARES DE CARVALHO

Estabelecimento de mercearias, louças, vidros, miudezas, vinhos e outros artigos.

Vila Facaia

VALENTIM COELHO DA FONSECA

Adubos, miudezas, vinhos e exploração de pinhal

Vila Facaia—Barraca da Boa Vista

Abílio Lopes da Costa

Estabelecimento de fazendas de algodão e de lã, louças, mercearia, miudezas, vinhos e outros artigos.

VILA FACAIA

Domingos Lopes de Carvalho

Estabelecimento de fazendas brancas, lanifícios, louças, ferragens, mercearia, vinhos e outros artigos

VILA FACAIA

FIRMINO HENRIQUES DAS NEVES

Fazendas brancas, mercearias, vinhos e outros artigos

VILA FACAIA

Maximino Henriques

Adubos, cereais e outros artigos

Vila Facaia

DA QUEM TREVIM

Número 2

Página Regional de Castanheira de Pêra

Ano I

Avença

Redigida por Luso & Egas

Turismo

Toda a região do norte do distrito de Leiria, pode considerar-se uma região turística por excelência, pois em qualquer dos três concelhos há importantes factores que tal justificam.

A situação e belezas de Figueiró dos Vinhos, são sobejamente conhecidas para que delas façamos referência.

Pedrogão Grande, terra cheia de velharias, tem no Cabril e nos seus Miradouros motivos de real interesse.

Castanheira de Pêra, com as suas inúmeras fábricas de lanifícios, a Casa da Criança Rainha D. Leonor com o seu belo jardim, as paisagens naturais que a circundam e sobretudo,

Farpinhas...

— Regressou de férias aquele nosso amigo que deu nome a determinada categoria de bailes e ao chegar sofreu uma desilusão... Acabou-se o presidencialismo... Ainda ao menos se por ele tivessem esperado para a posse.

— Um outro nosso amigo, que teve as suas férias lá para as bandas de S. Jacinto, quis fazer de Nicolau... e ficou mesmo estragadinho de todo...

— Uns meninos bem, cá do burgo, armados em grandes jogadores de pédióla, foram deabalada até à vizinha Louzã mostrar as suas habilidades e... trouxeram apenas 3 bolas, não conseguindo lá deixar nem uma.

— Parece que esta Página tem dado azo a certos comentários e até lhe alvitram autores que o não são. Não senhores. E' feitinha cá no burgo ou ela não fosse regional.

— O Cinema do SNI teve grande afluência, em plena Praça. Até na fita entravam Lentes, também de borla.

— O Café Brasa, foi quem melhor partido tirou porque os seus clientes apreciavam as bebidas e o cinema, bem repimpados, enquanto que outros tinham de estar em pé na grande platea que era o recinto da Praça.

— Há dias acordámos com o silvo de uma locomotiva depois de termos estado a sonhar com o comboio cá na terra... O comboio foi sempre um sonho sem vislumbres de realidade, mas o silvo era verdadeiro. Era o cilindro das Obras Públicas que iniciava o aperto da nova artéria Adriano Reis.

— Alguns capitalistas luso-brasileiros, de mãos dadas com outros aqui residentes, pensam em aplicar os seus avultados capitais na exploração desta vila de uma importante mina de... leitões à Mealhada. Sócios não lhes faltarão...

NA CRISTA

DAQUELA

SERRA

SUBIDA

Aquele dia 8 de Agosto dealbou com nuvens claras cortando o norte do céu azul, como desmedidos retalhos de longa colcha que durante a noite tivesse coberto a terra, adormecida no sono pasado de árdua labuta.

Alguns dos excursionistas, muitos enfiados nos seus abafos, reuniram-se em determinado ponto, esperando que meios de transporte, antecipadamente preparados, os conduzissem ao soberbo miradouro do Santo António da Neve. E a escalada não se fez demorar. Após o acondicionamento de múltiplos utensílios indispensáveis ac bem estar de umas seis dezenas de almas desejosas de admirar o Belo, na máxima pureza da sua grandiosidade.

Mais uma arrumação—o arrumo de um caixote esquecido—e logo vibrou a voz do organizador da Cavavana:

— Pronto! Largada!

Roncam os motores potentes numa arrancada frenética. A estrada, no seu zigue-zaguear constante, vai-nos levando para o interior da Serra. Sobem... Sobem-se... Velhas árvores sacodem da sua farta cabeleira o orvalho penetrante. Ao lado, no fundo dos barrancos, águas bronzeadas espreguiçam-se nam *bom dia* pachorrento. A aragem corta. A bordo, um sacerdote e um professor, discutem filosofia e ciências — as duas melindrosas matérias sem princípio nem fim...

Já lá vai meia hora de caminho. Mais!... Mais de trinta minutos, porque ultrapassamos o varandim de vistas imponentes do Cabeço do Peão.

Dobramos à direita. O nevoeiro não é tão bem tratado como o da estrada que deixámos, o que não refreou o óptimo funcionamento da máquina. Vento cortante infiltra-se nas carnes e quase vai atingir os ossos. Buscam-se agasalhos. O nevoeiro, ao longe, ameaça, sem que as caminhetas receiem atravessar aquele túnel cinzento. Roncam... Investem, triunfantes... Por vezes experimentamos a sensação de atravessarmos o ventre do mar. De lança a lança, o sol espregueia, tímido. Por uma nesga conseguimos descortinar o marco geodésico do Trevim. Os motores não esfalfam. Trepam... Trepam... E vamos conquistando a altura!

Um companheiro de viagem, com boa vista, informa, contente:

— Está próximo Santo António da Neve!

E o Sol, eterno dominador das alturas, desbastava com as suas espadas de prata aquelas pastas de um achumbado antipático, que vedavam aos olhos a soberania da Natureza. O Sol, que parecia dizer:

— Para longe! Deixai que eu ilumine o que Deus criou!

Quando me apeei do carro, perscrutei ao longe, panorama arrogante, a pique, de fauces escancaradas e medonhas, com um punhal em cada fraga — uma visão sinistra em toda a parte! Mas eu compreendi que a Serra, afinal, é muito mais: Uma Catedral onde o silêncio vai rezar!

Vi o berço sinuoso da Ribeira de Pêra, no fundo dos abismos, cujas enxergas são as gigantes penedias e cujas rendas são as lâminas afiadas das rochas de granito!

Vi o recurvado lombo do Trevim, qual sentinela vigilante de guarda a todas as suas possessões de maravilha selvagem, lavadas, sem as manchas de ruelas sujas, com embutidos de intriga e de mentirral.

Vi o Céu! Vi Deus, com toda a majestade de incomparável Criador! Vi a Terra nua! Vi a Verdade! E vi...

NA CRISTA

A transformação rápida de um lugar solitário, abandonado, de admirável extensão plana, que se tornou, por algumas horas, movimentado como qual-

Santo António da Neve

O TURISMO vem desenvolvendo em Portugal acção animadora. O Turismo deve distinguir como um dos pontos mais encantadores do País, Santo António da Neve!

quer urbe cosmopolita, não lhe faltando as cadeiras da verga, cómodas, só gozadas em "bar", frequentado.

Improvisou-se completa cozinha, com recheio de saborosa culinária. E enquanto o pessoal incumbido da confecção do almoço trabalhava afanosamente, gaiteros alegres, bizarros, emprestavam ao local a nota típica de autêntica romaria...

Como aviso de festa improvisada, estrelajavam foguetes a convidar as gentes dos burgos próximos a associar-se aos Romeiros do Belo.

Vêm desfilar pela estrada, que serpeia graciosamente, os autos que conduzem Famílias da Elite. Um, dois, três, seis, oito, onze automóveis, são guardados ao lado norte do templosinho onde se venera Santo António da Neve. O grupo excursionista vai crescendo de número. Aqui e ali sobressai o friso de elegantes Damas de escolhida Sociedade. Impera a frescura e formosura feminina. E há mais alma nos gaiteros! Existe mais estrondo no foguete que sob, como mensageiro da satisfação que vai na crista daquela Serra.

Vibra o sino da singela torre que só uma vez por ano chama os fiéis a ajoelhar ante o altar isolado, numa altitude de mil e cem metros. Celebra-se missa. Igreja repleta, revoando preces em círios de Fé.

O repórter, cá fora, curioso, investiga e arquiya cópias das legendas esculpidas em granito na frontaria do templo. Explicam:

«Esta capela do glorioso António de Lisboa a mandou fazer Julião Pereira de Castro resporteiro donr.ª da camera de S. Mag e neveiro da sua real casa. En terra sua Anno de 1786.»

«A esmola que os devotos do glorioso S.º António derem será aplicada p.ª as obras da reedificação e ornamentos da sua capela. O mesmo glorioso Santo António gratificará aos seus devotos o beneficio.»

Devem ser, aproximadamente, 12 horas. Eduardo Silva, o *homem máquina*, de actividade assombrosa, dirige, impecavelmente, todos os serviços. Tanto se encontra na cozinha, provando os pitões, como orienta os músicos e dá ordens ao *fogueteiro*.

No solo escaldado de largos metros quadrados daquele ponto da serra distante, estendem-se as toalhas de variadas cores.

Sua Excelência, sr. Manuel Alves Ceppas, cavalleiro simpático, faz as *honras da casa*. Com o seu costumado sorriso, nascido de alma, e não ensaiado nos lábios, recebe todos com requintes de gentileza. Faz de Homem de cerimonia e despenha, com um ávont ade flagrante, o ingrato papel de *criado de mesa*.

O repasto, em que tomam parte para cima de sessenta convivas, decorre num ambiente aliciente.

Na abertura das primeiras garrafas de «espumoso», de consagradas caves deste Portugal úbere em sumo vinículo, ergue a sua taça o reverendo arcepreste padre António Inglês. Não bolia uma asa. O Plasma Solitário boiava num Firmamento immaculado. E a voz soou, no alto da Serra:

«Pedem-me para dizer duas palavras. Aqui estou, com a alma erguida a Deus, para saudar o Homemageado, sr. Franklin Ceppas, em honra de quem está decorrendo esta fidalga renúncia.»

Refere-se à acção do Ilustre Castanheirense em terras de Santa Cruz, conduzindo primorosamente, a sua substanciosa oração.

Lembra os nossos compatriotas que lutam, honradamente, no torrão irmão, pelo prestígio da nossa Pátria.

Tem elevação oratória, quando se dirige, num improviso brilhante, à Excelentíssima Mãe do eminente Professor sr. dr. Bissaia Barreto.

Turismo

a esplêndida ascensão à Serra, o miradouro do Cabeço do Peão e finalmente o Santo António da Neve, deixando à esquerda o Trevim (já no concelho da Lousã) pode considerar-se uma esplêndida região turística bem apreciada por todos aqueles que desejam admirar as belezas da natureza aliadas à calma e sossego próprios desta região.

Há bastantes locais nos contrafortes da Serra da Lousã, no concelho de Castanheira de Pêra, onde ficaria bem instalada uma FOUSADA semelhante aquelas que o S. N. I. tem espalhadas pelo país. Simplesmente se nos afigura que ainda por aqui não passou quem sobre tal assunto se pudesse manifestar. Pela pena de um distinto jornalista chegou até nós um interessante relato de um passeio ao Santo António da Neve que não podemos deixar de tornar público, dada a forma brilhante como é apresentado. Tudo quanto se diga a respeito dos passeios à Serra e ao Santo António da Neve, não é demasiado.

Todos que tenham à sua disposição um automóvel, devem aproveitar a boa estrada que conduz a esse privilegiado local e ali contemplar as belezas da natureza.

Então analisamos a respeitável figura da velhinha insinuante, acomodada numa confortável cadeira, brincando a brisa com os seus finos cabelos platinados.

O esclarecido orador burila imagens de consumado artista.

Segue-se-lhe, no uso da palavra, o padre-reitor José Henriques do Nascimento.

Diz: «... Da probidade da Família Ceppas, existem pergaminhos que não se desfazem!»

Alude aos antepassados do Homemageado, e vibra de ardor quando cria, momentaneamente, frases de especial oportunidade, referindo-se à acção dos dois Honestos industriais, Franklin e Manuel Alves Ceppas. O primeiro orientando a sua actividade no Brasil, o segundo, aplicando a sua inteligência, o seu precioso esforço, na florescente industria de lanifícios que tanto eleva a Castanheira de Pêra, fazendo atravessar fronteiras os produtos da sua fábrica, honrando e alevantando a Nação. Enaltece o carinho que Manuel Ceppas dispensa ao seu pessoal, ali presente, em considerável número.

(Conclui no próximo número)

Pereira da Silva (Pedro)